

A “derrota da máscara”: a revista “O Cruzeiro” e a Copa do Mundo de 1950.

Gerson Wasen Fraga¹

Resumo

A IV Copa do Mundo de futebol foi um acontecimento pleno de significados. Se o futebol já era considerado “esporte nacional”, sua capacidade de aglutinar pessoas em torno de um objetivo era algo que atraía os governantes de um país onde vicejavam regionalismos de toda ordem. A idéia de um povo inoperante e atrasado deveria ser suplantada pela perspectiva de um povo vencedor, através de uma possível e desejada vitória brasileira. Cogitava-se a criação uma imagem positiva do país no exterior, mostrando um povo civilizado e capaz de grandes conquistas.

Mostramos, neste trabalho, como a revista “O Cruzeiro” abordava tais questões em suas páginas, bem como os reflexos após a derrota para o Uruguai.

Palavras-chave: Revista *O Cruzeiro*, Copa do Mundo de 1950, Futebol.

I

Corria o ano de 1950.

Aquele parecia ser um momento especial para o Brasil. Ao fim do ano, a realização de eleições livres sinalizava para a consolidação da democracia, afastando o fantasma do regime autoritário que habitara entre nós durante o Estado Novo. Para isto, contribuía a participação brasileira na aliança que, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) combatera o nazismo nos campos europeus. Também como fruto deste alinhamento, os padrões culturais passavam por transformações internas, inserindo o país em uma política de contribuição hemisférica com os Estados Unidos e abrindo suas portas para os padrões de cultura e consumo do *American Way of Life*².

Contudo, outros padrões culturais haviam surgido dentro da sociedade brasileira. Com efeito, as últimas seis décadas assistiram a transformação de uma economia rural em urbana e industrial, utilizando a mão-de-obra que havia aportado em terras brasileiras na virada para o século XX, bem como das próprias migrações internas que buscavam nas principais

¹ PPGH/UFRGS; Bolsista CNPq

² Cfe: MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural norte-americana*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

idades do país melhores condições de vida. Estes novos padrões deveriam abarcar não somente os momentos destinados à produção, mas também as horas de lazer, onde o trabalhador pudesse, através de práticas e hábitos com os quais se identificasse, se inserir na vida social. Uma destas práticas foi encontrada no futebol, introduzido no país através de escolas e migrantes endinheirados de origem britânica, mas logo apropriado pelas camadas pobres da população,³ que o reproduziam em condições por vezes adversas, e que encontravam nos grandes nomes deste esporte os ídolos que uma identidade nacional ainda mal formada lhes negava em outras áreas.

Por fim, 1950 era importante para o Brasil por ser um ano de Copa do Mundo. Não uma copa qualquer, mas a primeira – e única, até que chegemos em 2014 – realizada em solo nacional. Isto tornaria o país o centro das atenções esportivas internacionais durante sua realização, dando-nos uma chance ímpar de mostrar-nos aos olhos das nações ditas “civilizadas” como realmente éramos, e não segundo uma série de estereótipos que sabíamos em voga. Internamente, a realização do torneio deveria servir para que provássemos, diante de nós mesmos, uma capacidade de realização e de conquista que até então não havíamos encontrado, e que esbarrava em idéias auto-depreciativas enraizadas em nossa cultura desde o período colonial.

Nosso objetivo é analisar como a Copa do Mundo de 1950 foi apresentada ao Brasil pela revista *O Cruzeiro*, publicação editada no Rio de Janeiro, mas de larga circulação nacional. Gozando de uma qualidade gráfica superior à dos jornais diários, esta publicação desempenhou um importante papel no que se refere à criação de imagens acerca do selecionado nacional, seja gerando expectativas nos momentos imediatamente anteriores ao torneio ou durante sua realização, seja buscando as explicações para a derrota após o término do mesmo.

II

³ Cfe: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

A revista *O Cruzeiro* foi fundada em 1928 por Carlos Malheiro Dias, logo integrando o grupo dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.⁴ Ao longo das três primeiras décadas de sua existência, o semanário acabaria por se consolidar como o órgão mais importante em seu segmento no Brasil. Possuindo uma diagramação inovadora e investindo pesadamente no tratamento visual, levava aos brasileiros notícias das mais diversas áreas, como política, cultura, e, também, esportes.

Uma importante característica, herdada do jornalismo do século XIX, era a constante presença, em suas páginas, da colaboração de nomes da intelectualidade brasileira. Com efeito, personalidades do porte de Austregésilo de Athayde, Rachel de Queiroz e Genolino Amado, costumavam dispor de colunas onde expunham suas percepções sobre o país. Tal característica, associada ao já citado cuidado com o aspecto estético da revista, certamente colaborava no sentido de colocar nas bancas um produto que pudesse ser identificado como de alta qualidade para a época e capaz de sintetizar, em suas páginas, uma imagem legítima do Brasil.

A Copa do Mundo de 1950 proporcionaria à revista um farto material a ser trabalhado. Desde o momento em que a escolha do Brasil como país sede foi confirmada no ano de 1948, *O Cruzeiro* passou a acompanhar os preparativos para sua realização, o que abrangia não somente o selecionado, mas também a principal obra material que se impunha: a construção de um grande estádio, capaz de servir de palco para a competição e – esperava-se –, para a conquista brasileira. Com efeito, em 4 de dezembro daquele ano, a revista publicava uma matéria intitulada “Perigo de vida nos campos de futebol”, onde mostrava as condições precárias dos estádios do Rio de Janeiro. O texto era arrematado com o seguinte comentário.

De maneira que aguardamos, ansiosos, a construção do estádio municipal, cujas obras estão sendo atacadas ativamente. Um estádio moderno, preenchendo todos os requisitos regulamentares. Nele se efetuarão os jogos do campeonato do mundo, em meados de 1950. Todos os defeitos serão corrigidos. Então desaparecerá o perigo de morte, sempre latente, que os demais campos da metrópole apresentam.⁵

⁴ Cfe: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p 372.

⁵ *O Cruzeiro*, 4 de dezembro de 1948, p 98.

Cerca de dois meses depois, uma nova e extensa reportagem tratava de mostrar o andamento das obras do Maracanã. Ressaltando que a falta de um grande cenário futebolístico impedia a ocorrência de públicos elevados, mesmo em jogos decisivos, ao mesmo tempo em que apresentava o cotidiano daqueles que trabalhavam nas obras do gigante de concreto, a matéria destacava nosso atraso em matéria de acomodações esportivas, ainda que diante de nações bem mais modestas nesta área.

Futebolisticamente, o Brasil é uma potência. Uma grande potência, por sinal. Aqui somos quase invencíveis e lá fora só respeitamos a Argentina, que as vezes nos derrota, nem sempre lisamente, da mesma forma que aqui, quando é preciso, “balançamos a roseira”. O futebol tem esse poder de acirrar ânimos e perturbar espíritos. Se na técnica futebolística somos os primeiros do mundo, em matéria de estádio perdemos até para o Equador, em cuja principal cidade, depois da capital, existe um estádio tão imponente quanto confortável.⁶

Segundo os pesquisadores portugueses Rui Gomes e Marisa Freitas, a construção de palcos de tal magnitude, bem como a realização de competições esportivas internacionais, possui um significado profundo, qual seja, o de promover uma desperiferização da nação que os constrói, colocando-a assim em um primeiro plano no cenário internacional.⁷ Tal perspectiva certamente adquire uma maior importância, ao se tratar de eventos e obras realizadas em países que não ocupam tal plano em outras áreas, tais como política ou economia. Isto não passou despercebido aos olhos dos colaboradores da revista. Na edição de 15 de julho de 1950, são publicadas observações assinadas por Jean Eskenazi, chefe da equipe do *France Soir*, lamentando o não comparecimento do selecionado francês. O jornalista europeu assim descreve o Maracanã:

Que fabuloso espetáculo perderam os jogadores franceses! Eu sei que jamais se consolarão... Não estiveram no estádio mais lindo que eu jamais vi, dentro do qual não se acredita que seja tudo realidade, mais parece um sonho fantástico de Salvador Dali... Ou melhor ainda, um estádio que causa êxtase, como se ainda a gente estivesse diante da

⁶ *O Cruzeiro*, 12 de fevereiro de 1949, p 44.

⁷ GOMES, Rui; FREITAS, Marisa. *A construção da identidade nacional na imprensa desportiva portuguesa: análise do discurso jornalístico durante o Euro 2000 de futebol*. Efdportes.com. Revista digital – Buenos Aires. Ano 8, nº 48, maio de 2002, p 3. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd48/jurnal.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2002.

maquette do arquiteto, não se podendo imaginar que chegue um dia a ser real, palpável e vivo! E com quanta vida!⁸

O estádio, contudo, era apenas um passo na construção de uma imagem positiva do brasileiro. A possível vitória era vista como um meio para consolidar uma identidade nacional ainda mal formada e cheia de auto-estereótipos. Há que se lembrar que, em 1950, as perspectivas mais otimistas acerca da nacionalidade brasileira ainda disputavam espaço com leituras provenientes de uma ótica europocêntrica, que via a miscigenação brasileira como um problema a ser resolvido, e cujo desfecho não necessariamente se daria de uma forma positiva. Como exemplo, Paulo Prado, um dos mecenas da Semana de 22, ao final daquela década, publicava “Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira”, onde defendia que fatores tais como a lascividade de nossos colonizadores e o peso da escravidão haviam engendrado um povo de tamanha fraqueza física, que seriam necessárias ainda cinco ou seis gerações a fim de que o resultado desta verdadeira experiência fosse decifrado.⁹

Seguindo um paradigma diverso, *O Cruzeiro* não deixava de exaltar em muitos de seus textos um claro discurso de valorização do Brasil e de sua gente. Alinhava-se desta forma à perspectiva sociológica emanada da obra de Gilberto Freyre, procurando em nosso *melting-pot* aspectos de positividade. Dentre os nomes que abraçavam tal discurso, um destaque cabe a Rachel de Queiroz. Em 13 de maio de 1950, a escritora comentava o lançamento do álbum do fotógrafo Jean Manzon. Destacando a diversidade de tipos sociais captados pelo instantâneo de seu colega, Rachel de Queiroz dava especial destaque a uma foto onde um índio xavante aponta seu arco e flecha para os céus, mirando um avião do qual apenas percebemos a sombra. A oposição entre civilização e barbárie é seguida pela informação de que tal foto havia sido feita durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando a aviação nazista punha de joelhos o mundo dito “civilizado”. Provocando, já neste momento, um sutil questionamento do conceito de “bárbaro”, bem como uma valorização de nosso elemento nativo, a escritora assim arremata seu texto:

⁸ *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 24-26.

⁹ PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962, p 162.

E talvez agora o mundo, vendo esse nosso retrato honesto, fique nos conhecendo melhor, nos ignorando menos; talvez aqueles que nos imaginam apenas como mestiços indolentes tocadores de violão sintam agora por nós um respeito maior, vendo como somos uma gente laborosa, resistente, humilde, destemida e cordial. Que somos realmente um povo.¹⁰

A importância do futebol como instrumento de construção de uma imagem positiva para o Brasil, naqueles momentos que antecediam a Copa de 1950, era algo que também não escapava à percepção de Rachel de Queiroz. Em mais de uma crônica naquele período, a autora, ainda que brevemente, fez referência ao futebol como uma prática que desfrutava do gosto popular. Foi, porém, em um texto voltado exclusivamente a este esporte que a ilustre vascaína externou a percepção que possuía sobre sua importância e difusão entre a sociedade.

Fala-se muito na indolência do mestiço nacional, já se escreveram bibliotecas acerca da incapacidade da nossa raça para tudo que exija esforço físico. Mas basta a paixão brasileira pelo futebol para mostrar exatamente o contrário: no ardor com que se entregam ao “esporte das multidões” nossos patrícios de todas as idades e de todas as condições sociais, está o maior desmentido da nossa preguiça.¹¹

Outros colaboradores ilustres da revista, ao se depararem com o frenesi provocado pela realização da Copa do Mundo em solo pátrio não deixaram de registrar suas impressões, comprovando a centralidade do assunto para a sociedade brasileira naquele período. O escritor e jornalista Genolino Amado, em oito de julho de 1950, publicou um texto intitulado “Literatura e Futebol” onde, aproximando as duas áreas, indicava a Inglaterra como detentora da “palma futeboleira”, devido à “posição da velha Albion como verdadeira campeã da literatura inspirada no bate-bola”.¹² Austregésilo de Athayde, por sua vez, registrou seus sentimentos diante da construção do estádio municipal, em texto sintomaticamente intitulado “Ufano-me do meu país!”

Muita admiração tem tido o povo do Estádio Municipal. As proporções do monumento, sagrado pela orgulhosa afirmativa de ser o maior do mundo, as extraordinárias comodidades previstas para os seus

¹⁰ *O Cruzeiro*, 13 de maio de 1950, p 130.

¹¹ *O Cruzeiro*, 29 de janeiro de 1949, p 106.

¹² *O Cruzeiro*, 08 de julho de 1950, p 6.

freqüentadores, a perfeição técnica da estrutura, lisonjeiam a nossa vaidade. Enfim, fizemos alguma coisa verdadeiramente única!
Pois não é certo que, donos de um dos maiores países do mundo e onde tantas obras da natureza são agigantadas, sofreremos de um complexo de mesquinhez que se revela pelo acanhado das realizações humanas?¹³

A realização do campeonato mundial também atingia outras páginas, onde talvez jamais se fizesse presente. O espaço ocupado pelo ilustrador Alceu Pena e pelo escritor A. Ladino (pseudônimo de Edgar Alencar)¹⁴, onde eram publicados versos ou historinhas muito breves, de suave ironia – que hoje soam ingênuas – acerca de um pretense universo feminino, teve o futebol como motivo maior durante duas semanas seguidas. Tal ocorrência nos aponta para um fator mais profundo: embora o futebol seja (ainda e infelizmente) tomado como assunto referente a um universo predominantemente masculino, em épocas de Copa do Mundo este paradigma sofre uma transformação, uma vez que o simbolismo em torno da pátria ameaçada nos campos esportivos exige uma solução de unidade a envolver todos os cidadãos e cidadãs.

Assim, no espaço citado, encontramos textos como:

TÉCNICA
Não vou com jogo avançado
o meu jogo é combinado
não tolero confusão.
E do meu craque querido
hei de fazer um marido
que é essa a combinação.¹⁵

A revista desempenhava uma função maior do que simplesmente familiarizar seus leitores com o conjunto de sentidos que poderiam ser atribuídos à Copa do Mundo. Devemos lembrar que estamos tratando de uma época em que os meios de comunicação

¹³ *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 5. A publicação deste texto duas semanas após o encerramento do certame não nos deve causar estranhamento. Com efeito, respeitando sua periodicidade semanal, a revista acabava por publicar os comentários sem a mesma velocidade que hoje caracteriza os meios de comunicação impressos. Assim que, apenas no número anterior – datado de 22 de julho – foi publicada a matéria relativa à vitória uruguaia sobre o selecionado boliviano, cuja partida havia sido disputada em Belo Horizonte, vinte dias antes.

¹⁴ Cfe: BASSANEZI, Carla; URSINI, Leslye Bombonato. O Cruzeiro e as garotas. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº 4, 1995, p 248. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf> Acesso em 15/09/2008.

¹⁵ *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 42-3.

acessados pelo público praticamente resumiam-se ao rádio e aos periódicos escritos. Se ao rádio cabia a função de tratar das notícias imediatas, do acontecimento em tempo real, bem como da transmissão de sentidos através da via oral (através de repórteres e comentaristas), aos jornais e revistas cabia a transmissão destes mesmos sentidos pela palavra escrita, e, principalmente, levar a imagem dos jogadores para todos aqueles que não podiam acessar os estádios de futebol. Com efeito, como poderiam saber os leitores dos centros mais distantes se Barbosa era alto ou baixo, se Ademir realmente tinha um queixo proeminente, se Bigode tinha ou não bigode? Era aos meios impressos, especialmente aos de grande circulação nacional, que cabia levar os rostos que defenderiam o Brasil no campeonato mundial, produzindo a imagem desta equipe aos olhos da nação.

Sabemos que as imagens divulgadas através dos meios informativos longe estão de possuírem, assim como as notícias, uma pretensão de neutralidade. Antes, tais imagens devem se encaixar ao texto, produzindo também elas sentidos diante da comunidade de leitores. Tal aspecto reveste-se de uma importância maior quando tratamos de *O Cruzeiro* uma vez que, diante de jornais que em sua grande maioria ostentavam um baixo padrão gráfico, o semanário possuía uma elevada qualidade para a época. Assim, suas imagens auxiliavam na produção dos sentidos sobre o selecionado, posto que não somente cobriam boa parte do território nacional, mas eram também atraentes do ponto de vista estético.

Como exemplo, em 15 de julho de 1950, a revista publicava uma foto, de página inteira, do centroavante Ademir. Tirada de baixo para cima, procurava dar uma proposital idéia de grandeza ao objeto. O ar sério, o rosto altivo de frente para o sol evocava a figura dos grandes guerreiros diante de suas batalhas decisivas. A legenda, em letras pequenas no canto superior esquerdo, não deixava dúvidas: “‘VIRTUOSE’: Ademir, o jogador perfeito”. Representava assim tal atleta o exemplo de perfeição de nossa gente, materializado na imagem de um guerreiro pronto para defender a nação diante de seus adversários.

Estando o Brasil temporalmente próximo do fim do período escravocrata e da Proclamação da República,¹⁶ além de sob os efeitos da grande leva migratória que aportou em solo brasileiro na virada do século XIX para o XX, era a idéia de nacionalidade algo ainda muito vago. Basta lembrar neste sentido que o ambiente escolar, um dos pilares na construção de tal noção, teve de passar na década de 1930 por um verdadeiro processo de enquadramento, uma vez que vários bolsões de imigração ao longo do país alfabetizavam em outras línguas que não o português. Além disto, regionalismos de toda ordem colocavam em xeque a unidade nacional, estando ainda vivo na memória de todos o levante paulista de 1932.

Dada a popularidade do futebol e a atenção que o torneio despertava, deveria a seleção ser um instrumento de divulgação de tal integração. Não deixa de ser sintomático encontrar nos órgãos de comunicação da época comentários sobre a união que existiria entre os atletas, suplantando quaisquer sentimentos de divisão que contrariassem a idéia desta perfeita unidade nacional. É como se, além de defensores da pátria em campo, os jogadores também trouxessem consigo a natural representação de sua origem pessoal.

É interessante observar que não há entre eles bairrismo algum, estando todos, paulistas, gaúchos, cariocas, mineiros e nortistas, irmanados com uma única finalidade: a de dar tudo em prol do futebol brasileiro no próximo campeonato mundial a realizar-se no estádio do general-prefeito.¹⁷

Da mesma forma como o selecionado deveria representar o final das rivalidades regionais, deveria também espelhar, segundo *O Cruzeiro*, uma imagem de unidade nacional, agregando todos sob a mesma camisa, fato que vai ao encontro da proposição de Eric Hobsbawm, de que “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”.¹⁸ Neste sentido, era ponto pacífico que a vitória final do selecionado seria entendida como a vitória da nação, posto que “se conseguirmos

¹⁶ Estando distante 61 anos da Proclamação da República e 62 da Abolição da Escravatura, não é impossível que a final da Copa do Mundo de 1950 tenha sido assistida ao vivo por alguém que, além de ter sido escravo, tenha ainda testemunha ocular do Golpe que instituiu o regime republicano.

¹⁷ *O Cruzeiro*, 22 de abril de 1950, p 104. O “general-prefeito” é Ângelo Mendes de Moraes, prefeito do Rio de Janeiro durante a construção do Maracanã e a realização da Copa daquele ano.

¹⁸ HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p 171.

concretizar tudo que planejamos, a vitória será de todos nós. Será a vitória do futebol brasileiro, para a qual todos nós contribuimos de coração, com prazer e muitas vezes com sacrifícios”.¹⁹ Destacada ainda era o papel que caberia à torcida, que, a semelhança do que ocorreria entre os jogadores, deveria se irmanar em busca do objetivo máximo. Tal é a idéia, por exemplo, que emana do trecho abaixo reproduzido.

Em qualquer competição esportiva, a torcida é parte saliente, fator importante da vitória. Um atleta em sua perfeita forma, produz muito mais, quando sabe que a massa está ali para incentivá-lo, que reconhece uma jogada infeliz e espera a reabilitação logo a seguir (...). Portanto, torcedor brasileiro, do norte, sul ou centro, os “cracks” nacionais, contam com vocês, da mesma forma que vocês contarão com eles para a vitória final.

Contudo, sabidamente, futebol não é apenas discurso, de modo que a classificação para a fase final apenas foi obtida com uma vitória no último jogo classificatório contra os iugoslavos – partida na qual o Brasil deveria obrigatoriamente ganhar para continuar na competição. Se no jogo anterior – um empate contra o fraco selecionado suíço em São Paulo – a torcida havia manifestado seu desagrado ao término da partida, agora os comandados de Flávio Costa receberam novamente o aplauso do público presente ao Maracanã. Segundo Gisela Moura, a partir de então, o modelo desejado de torcedor sofre uma transformação: não mais alguém que sintetize a totalidade do país; o modelo de torcedor – e também de brasileiro – passa a ser agora o torcedor carioca.²⁰

São três adversários já bem conhecidos por todos nós. Conhecemos portanto a responsabilidade que ainda pesa sobre os ombros. Não seria nada de mais solicitar do maior público reunido numa praça de esportes – o público carioca, voltar ao gigante do Maracanã, e como das vezes anteriores, incentivar, sofrer, para depois repetir aquele espetáculo dos lenços brancos, já tão característico entre nós.²¹

Embora esta mesma edição trouxesse ainda comentários referentes ao empate contra a Suíça, era perceptível que um tom de auto-exaltação passava a integrar algumas matérias. É nesta edição que os comentários de Jean Eskenazi, referidos anteriormente, são veiculados. Na edição seguinte, datada de 22 de julho – portanto 6 dias após o encerramento da Copa! –

¹⁹ *O Cruzeiro*, 17 de junho de 1950, p 105.

²⁰ MOURA, Gisella. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro; FGV, 1998, p 87.

²¹ *O Cruzeiro*, 15 de julho de 1950, p 26, grifo nosso.

o tom ufanista persistia, sendo agora integrante dos comentários referentes à vitória sobre a Suécia, em partida na qual a seleção brasileira teria saído “ainda sem as honras de campeã, porém, depois de ter feito uma exibição digna desse título”.²² Ainda nesta edição, uma nova reportagem do francês Eskenazi comparava, já na manchete, o futebol e a música brasileira, tratando ambos pelo adjetivo de “irresistível”.

Foi somente na edição do dia 29 de julho que a notícia e a busca por explicações para a derrota frente ao Uruguai tomou as páginas de *O Cruzeiro*. E a explicação, embora exposta em uma longa matéria, parece sintetizar algo que se refletira na imprensa como um todo, incluindo mesmo os jornais diários e as emissoras de rádio: a projeção de uma imagem de auto-suficiência e vitória certa ao logo dos dias anteriores ao jogo.

Todos somos culpados. Que história é essa, agora, de descarregar sobre os ombros de Bigode, de Barbosa, de Jair, de Flávio Costa, a responsabilidade por uma derrota que é tão nossa quanto deles e para a qual contribuímos e pela qual nos penitenciamos? (...) Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Eles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jogo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaiois eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio.²³

Note-se que, ao longo do tempo, vários argumentos foram encontrados para explicar a derrota de 16 de julho. Muitos atribuíram a derrota a Juvenal, Bigode e Barbosa – não por acaso, três jogadores negros. Outros falaram em falta de fibra, de raça, de entrega. Contudo, nem todas estas explicações são endossadas pela revista, ao expor sua opinião. Em primeiro lugar, há uma clara tentativa do articulista²⁴ em não buscar responsabilidades individuais. Assim, os atletas que ficaram com a pecha de “culpados pela derrota” tiveram, aos olhos de *O Cruzeiro*, sua responsabilidade relativizada: “Falamos de Bigode. Realmente não jogou bem. Realmente, foi o responsável pelos dois goals. Mas porque deixaram Bigode sozinho,

²² *O Cruzeiro*, 22 de julho de 1950, p 120.

²³ *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 14-20.

²⁴ Este texto é assinado por David Nasser.

porque não o socorreram, quando ele lutava com desvantagem contra o maior extrema-direita do continente?”²⁵ Sobre Barbosa, a defesa do jornalista é ainda mais veemente: “Vá para o arco e experimente um Ghighia a poucos metros, livre, a chutar um desses petardos e, depois, perdoará Barbosa”.²⁶ Sobre Juvenal, nem uma palavra de condenação. De qualquer forma, destaquemos algo que Gisella Moura já levanta em seu trabalho: não há, por parte de *O Cruzeiro* – assim como para os outros veículos da imprensa escrita – um discurso aberto de condenação dos jogadores negros pela derrota de 1950. Esta parece ser, antes, uma construção que se dá em um tempo futuro, devendo ainda ser buscadas as raízes de tal fenômeno.²⁷

Já quanto à falta “de raça”, embora aceita pela revista, é um fenômeno que, segundo a mesma, teria sua origem na auto-suficiência promovida pelos elogios exagerados. Em outras palavras – e para repetir o jargão futebolístico utilizado pelo texto, a culpa estaria “na máscara” produzida pelo excesso de otimismo existente na sociedade. Vale notar que, segundo tal explicação, há a inversão de um fenômeno anteriormente existente. Não é mais a sociedade que se espelha em seu selecionado, mas sim o selecionado que, ao absorver um sentimento nocivo existente na sociedade, permitiu uma derrota, tida como improvável.

Por fim, após a construção do maior estádio de futebol do mundo e de uma organização tida como perfeita, os 2X1 sofridos diante do Uruguai não são, no calor dos fatos, vistos necessariamente como uma prova de incapacidade. Apesar da dor da derrota, aquele momento marcaria o nascimento um novo momento para a História de nosso futebol.

Do Maracanã, da mágoa que nos deixou esta partida, da poeira e do amargor de um grande “team” vencido por um quadro tecnicamente inferior, mas superior no entusiasmo, no sangue e na fibra, há de sair o futebol brasileiro que em 1954, na Suíça, poderá fazer o mesmo que os uruguaios aqui fizeram, contra os prognósticos, contra a torcida, contra tudo. Da estúpida tarde do Maracanã nascerá o futebol brasileiro sem máscara.²⁸

²⁵ *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 14-20.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ MOURA, Gisella. *Op. Cit.*, p 144.

²⁸ *O Cruzeiro*, 29 de julho de 1950, p 14-20.

Mal imaginava o cronista que apenas cometia um pequeno erro cronológico em sua profecia.

Bibliografia

BASSANEZI, Carla; URSINI, Leslye Bombonato. O Cruzeiro e as garotas. In: Cadernos Pagu. Campinas: Unicamp – Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, nº 4, 1995, p 248. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.13.pdf> Acesso em 15/09/2008.

GOMES, Rui; FREITAS, Marisa. *A construção da identidade nacional na imprensa desportiva portuguesa: análise do discurso jornalístico durante o Euro 2000 de futebol*. Efdeportes.com. Revista digital – Buenos Aires. Ano 8, nº 48, maio de 2002, p 3. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd48/jurnal.htm>. Acesso em 12 de novembro de 2002.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural norte-americana*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MOURA, Gisella. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro; FGV, 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma História social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.